

Os “gigantes” também tremem com a crise

Sara Dias Oliveira

O desemprego não pára de aumentar no distrito de Aveiro, mesmo entre os líderes da cortiça e calçado

● Os sectores tradicionais, a base da actividade económica do Norte do distrito de Aveiro, debatem-se com dificuldades em encarar uma crise transversal e mesmo os “gigantes” não ficam imunes à asfixia financeira, às quebras de encomendas e à perda de clientes. Os números mostram que a região norte do distrito de Aveiro, fortemente industrializada, atravessa uma das mais complicadas crises económicas. O desemprego aumenta mês após mês e, no último meio ano, mais de 1500 pessoas ficaram sem trabalho.

A realidade económica da região origina leituras paralelas e que, por vezes, se cruzam. Elísio Estanque, sociólogo da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e investigador do Centro de Estudos Sociais da mesma faculdade, defende que “não se pode esbanjar o que se capitalizou ao longo do tempo” no que se refere à cortiça e ao calçado. A crise deve ser vista de vários ângulos. “A pressão vai ser muito maior para os empresários, obrigando-os a ser mais inovadores e arrojados”. É hora de apostar na inovação, no *design*, em novas estratégias e produtos. “Não é só a Segurança Social que deve fazer face a esta crise. É necessário investimento não só do poder central, mas também das instituições locais e as instituições de solidariedade social têm de ir para o terreno”, alerta.

O investigador considera que as consequências do aperto económico no Norte de Aveiro não serão muito diferentes das do resto do país. No entanto, a concentração industrial tem especificidades. “O Norte do distrito de Aveiro é uma região muito industrializada, com muito dinamismo, mas muito dependente de meia dúzia de sectores”. O que, para o sociólogo, tem vantagens e desvantagens. “Há duas ou três grandes empresas de calçado e de cortiça e as restantes são pequenas ou médias, o que tem um lado bom e um lado mau”. Do bom, a vontade de criar novos negócios. “Mesmo neste período de crise, o dinamismo do sector do calçado é enorme. Esta indústria é muito desdobrável”, sublinha. “Há uma economia paralela que funciona como um resguardo”. Ou seja, alguns trabalhadores da região dedicam-se à actividade agrícola ou a outros negócios da mesma área. “O que, em época de crise, pode ser uma almofada muito significativa”. Do mau, uma dependência excessiva que pode asfixiar a actividade.

De qualquer forma, Estanque avisa que a sobrevivência da cortiça e do calçado não pode ser posta em causa, por se tratar de sectores que têm um peso muito significativo na exportação e por empregarem milhares de

pessoas. “É evidente que a situação é muito preocupante, tanto mais que se trata de sectores onde a mão-de-obra é pouco qualificada, sem outros meios para se reconverter profissionalmente, mão-de-obra intensiva, e com pouco investimento na área da inovação tecnológica”, justifica.

Novo vocabulário

Certo é que o despedimento entrou no vocabulário de empresas líderes nacionais e mundiais.

A perda de quota de mercado da rolinha e a previsível redução do consumo do sector vinícola levaram a Corticeira Amorim de Santa Maria da Feira, o mais importante grupo mundial do sector, a recorrer pela primeira vez na sua história, que começou em 1870, ao despedimento colectivo de 193 trabalhadores. Mesmo do outro lado da rua, as corticeiras Vinocor e Subercor, do grupo Suberus, o segundo maior grupo corticeiro, estão num processo de insolvência que afecta cerca de 150 operários.

O sector corticeiro, o único que dá a Portugal o estatuto de líder de uma actividade económica, mostra as suas fragilidades. O coordenador do Sindicato dos Operários Corticeiros do Norte, Alírio Martins, não tem dúvidas da pujança do sector e revela que já há pequenas corticeiras a imitar o grupo Amorim. “Há um claro aproveitamen-

Sinais da crise

Cortiça

A Corticeira Amorim recorreu ao despedimento colectivo de 193 trabalhadores. As corticeiras Vinocor e Subercor, do grupo Suberus, estão num processo de insolvência que afecta cerca de 150 operários.

Calçado

A Aerosoles poderá deslocalizar 90 por cento da sua produção para a Índia e despedir mais 200 trabalhadores, além dos 120 que estão a ser dispensados. A dinamarquesa Ecco!et vai despedir, até ao final do ano, 177 funcionários, encerrando a produção. No Verão passado, a alemã Rohde despediu 196 dos 1200 funcionários.

Automóvel

Américo Rodrigues, do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte e Centro, prevê que a Yazaki Saltano avance em breve com mais despedimentos. Em 2008, cerca de 800 trabalhadores foram despedidos.

to do momento por parte das grandes empresas. Estamos a falar de um sector que é 100 por cento nosso, sem qualquer concorrência. E começamos a notar que há pequenas empresas a copiar o método do despedimento colectivo da Amorim”, afirma.

Do calçado ao automóvel

O calçado também vive dias conturbados. A Aerosoles, o maior grupo português, com sede em Esmoriz, Ovar, poderá deslocalizar 90 por cento da sua produção para a Índia e despedir mais 200 trabalhadores, além dos 120 que já estão a ser dispensados.

A multinacional dinamarquesa Ecco!et de Santa Maria da Feira vai despedir, até final do ano, 177 funcionários, encerrando a produção de sapatos no país. A perda de competitividade foi uma das razões apresentadas pela empresa que chegou a ser a maior produtora de calçado em Portugal. No Verão passado, a multinacional de calçado alemã Rohde, também da Feira, entrou num processo de insolvência, despediu 196 dos 1200 funcionários e, neste momento, espera a decisão final de um investidor alemão.

A coordenadora do Sindicato do Calçado dos distritos de Aveiro e Coimbra, Fernanda Moreira, fala de duas faces da mesma moeda e de inconsistências. “Algumas empresas não tinham necessidade de encerrar porque o seu problema ainda não está a acontecer. Mas fazem-no porque agora é mais fácil, os trabalhadores não reclamam tanto os seus direitos nem contra a atitude das empresas porque o país está em crise”. A sindicalista garante que “a maioria dos industriais aproveita para se livrar dos funcionários e alguns, passado um tempo, abrem novas empresas e tentam contratar os mesmos trabalhadores”. E lembra, por outro lado, o discurso do patronato. “No meio desta dita crise, são os próprios empresários que garantem que as exportações têm aumentado”. Os últimos dados revelam que o sector exportou mais 3,2 por cento entre Janeiro e Outubro de 2008 do que no mesmo período do ano anterior, num total de 1179 milhões de euros.

Mas os problemas da indústria automóvel também atingem o concelho de Ovar. Américo Rodrigues, do Sindicato das Indústrias Eléctricas do Norte e Centro, prevê que a multinacional japonesa de componentes eléctricos para automóveis Yazaki Saltano avance em breve com mais despedimentos, além dos 800 realizados em 2008. “A Yazaki está a produzir a meio gás, 50 por cento dos trabalhadores estão em formação. É natural que no final do mês volte a haver notícias más porque não se pode financiar a formação toda a vida sem produzir”, avisa.

A Toyota de Ovar está, por seu turno, a reduzir o horário de trabalho dos funcionários. E a Philips prepara-se para deixar de produzir em Portugal e despedir 72 operários da fábrica que, há quase 40 anos, fabrica controlos remotos. A multinacional holandesa quer concentrar a produção, sobretudo na China e em Marrocos.



NELSON GARRIDO

Mais 200 empregos em risco

Feira terá extensão do centro de emprego Câmara criou Agência em Prol do Emprego

Feira, o concelho mais industrializado e populoso do distrito de Aveiro, terá uma extensão do Centro de Emprego de São João da Madeira. Neste momento está a ser estudada a localização e a ideia surgiu ainda antes das dificuldades sentidas nos últimos meses. Por enquanto, a autarquia está em contacto com a rede social do município de forma a garantir as refeições escolares dos filhos dos desempregados. “Para que as crianças não sejam excluídas

enquanto a situação dos pais não estiver regularizada em relação ao subsídio de desemprego”, diz o presidente da câmara Alfredo Henriques. Em 2006, pouco depois de a Ecco!et ter anunciado o despedimento de 369 trabalhadores, a Câmara da Feira abriu a Agência Local em Prol do Emprego que, até ao final de 2008, tinha 1562 mulheres inscritas e 670 homens. No ano passado, 88 voltaram ao mercado de trabalho e 14 criaram o próprio negócio.